

**Considerações a respeito de elementos constituintes de uma
Escrevivência / *Notes on the Elements that Constitute an Escrevivência*
[Writing-living]**

*Eduardo Prachedes Queiroz**

RESUMO

O conceito de Escrevivência foi utilizado pela primeira vez em 1996 por Conceição Evaristo. A partir de então, nota-se um esforço de sistematização do conceito tanto por parte de Evaristo, como por outras pessoas pesquisadoras. No presente artigo, juntamos a essas pessoas, buscando verificar algumas das características essenciais em produções culturais escreviventes. Para tanto, partimos de reflexões de Conceição Evaristo e as relacionamos com ideias de outras pessoas negras, como bell hooks e Grada Kilomba. Também nos valem do ferramental analítico da Semiótica discursiva para embasar reflexões e breves análises de textos como o cordel “Maria Felipa”, de autoria de Jarid Arraes. Nossas investigações nos permitiram apontar a autoria negra, a (re)criação por meio da ficção, a ocupação do papel de sujeito por parte das personagens negras, o ponto de vista interno e o alinhamento ideológico como elementos essenciais ou recorrentes em Escrevivências.

PALAVRAS-CHAVE: Escrevivência; Enunciação; Literatura negra

ABSTRACT

The concept of Escrevivência [Writing-living] was first used in 1996 by Conceição Evaristo. From that moment on, there has been an effort to systematize said concept, both by Evaristo and by other researchers. In this paper, we join these researchers, seeking to find some of the key aspects in cultural products considered to be Escrevivências. To this end, we draw on the reflections of Conceição Evaristo and relate them to the thoughts of other black people, such as bell hooks and Grada Kilomba. We also make use of the French Semiotics to support thoughts and brief analyses of texts such as Maria Felipa, cordel literature written by Jarid Arraes. The research has allowed us to point out the following as key or recurring aspects in Escrevivências: black authorship, (re)creation through fiction, black characters taking on the roles of subjects, an internal point of view, and an ideological consonance.

KEYWORDS: Escrevivência; Enunciation; Black Literature

* Universidade de São Paulo – USP, Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, São Paulo, São Paulo, Brasil; Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior – CAPES; <https://orcid.org/0000-0001-9699-1512>; pprachedes@gmail.com

Introdução

A ideia para o presente artigo surgiu das potentes interações e aprendizados a que tivemos acesso durante uma disciplina de pós-graduação ministrada por Conceição Evaristo com auxílio de Calila das Mercês e Ludmilla Lis na Universidade de São Paulo. A disciplina – que versava sobre o conceito de Escrivivência – foi ela mesma um exemplo (vivo!) de Escrivivência. Durante pouco mais de 4 meses, nos reunimos semanalmente para ouvir as enriquecedoras ponderações de Conceição, de Calila, dos membros do Grupo de Estudos em Escrivivência e dos demais colegas. Pudemos ainda ouvir outras mulheres negras, ávidas produtoras de Escrivivência, que muito nos inspira(ra)m, tais como Ana Bispo, Eliana Alves Cruz, Iléa Ferraz, Juh Almeida e Preta Rara. As discussões, que nos moviam intelectual e afetivamente, estiveram sempre ligadas ao conceito de Escrivivência. Esse conceito nasceu na dissertação de mestrado de Conceição Evaristo (1996) e vem sendo pensado por Evaristo e por diversas outras pessoas. Esse fato pode ser constatado por publicações como o livro *Escrivivência: a escrita de nós* pela Mina Comunicação e Arte no ano de 2020, organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, e que reúne diversos artigos a respeito do conceito de Escrivivência e da obra de Evaristo.

A partir das discussões em sala de aula e das leituras propostas, passamos a nos perguntar quais seriam as características essenciais e/ou costumeiras em Escrivivências. Com as presentes investigações, buscamos justamente contribuir para a compreensão dos elementos importantes para o reconhecimento de produções culturais que poderiam ser consideradas Escrivivências. Para isso, nos baseamos nas palavras da responsável por cunhar e gestar o termo, Conceição Evaristo, comentando suas afirmações com o auxílio de outras pensadoras negras; também lançaremos mão, em certo momento, de parte do ferramental teórico da Semiótica Discursiva, que nos ajudará a refletir sobre as funções cumpridas pelas personagens negras em algumas obras. O presente trabalho se justifica devido às sempre efervescentes disputas de terreno com relação às questões raciais; disputas que são travadas também no mundo produzido pela literatura e que, como consequência, chegam ao mundo que discute a literatura.

Nossas investigações nos permitiram estabelecer uma série de elementos como essenciais ou comuns às Escrevivências, mas estamos cientes de que o rol de características está longe de ser esgotado, havendo ainda muito campo para reflexões a respeito do conceito cunhado por Evaristo, bem como para estudos que apliquem o conceito valendo-se dele como chave de leitura para diversas obras. É somente a partir dessas aplicações que se podem confirmar as afirmações que nós e outras pessoas fazemos a respeito das características comuns às Escrevivências. É também através de aplicações do conceito, bem como de reflexões sobre ele, que se faz possível a descoberta de novas características frequentes ou mesmo basilares das Escrevivências.

Estas investigações são estruturadas de maneira a serem divididas em três grandes seções. Na primeira, discutimos a importância da autoria negra na Escrevivência. Para isso, tratamos da participação negra na qualidade de sujeito que enuncia e não mais apenas como objeto observado e retratado, e abordamos as possibilidades oferecidas pela ficção para construir novos sentidos a respeito do passado, do presente e do futuro. Partimos para o segundo tópico, em que desenvolvemos uma discussão sobre o papel que as personagens negras cumprem nas produções culturais. Para progredir com essas ideias, primeiro estabelecemos as bases conceituais, definindo alguns conceitos de que nos valeremos e que buscamos no ferramental da Semiótica Discursiva. Em seguida, discutimos os papéis actanciais das mulheres negras em obras como *O cortiço* (2016), de Aluísio Azevedo, e em um cordel intitulado *Maria Felipa* retirado do livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2020), de Jarid Arraes, fazendo cotejos entre o que se encontra nas duas produções. Para encerrar a segunda seção, discorreremos sobre os efeitos de sentido decorrentes do ponto de vista e da (con)fusão entre enunciativa, narradora e personagens. Na terceira e última seção, dedicamo-nos a tratar da importância de um alinhamento ideológico para que uma produção cultural seja considerada uma Escrevivência.

1 Da importância da autoria da história que nos diz respeito (a enunciação)

Assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação (Evaristo, 2005, p. 54).

Essa tomada da pena por parte das mulheres negras, de que fala Conceição Evaristo, representa o ato de assenhorar-se das palavras a respeito da própria história. De posse da pena, as pessoas negras – e, mais especificamente, as mulheres negras – alçam a si próprias ao espaço reservado ao sujeito, superando o lugar antes imposto a elas por aqueles que eram historicamente os donos da pena e das letras. Ao assenhorarem-se da pena, essas mulheres causam a alteração nos papéis que desempenham.

1.1 Antes objeto, agora sujeito

A importância de existir no papel de sujeito e não apenas como objeto foi já destacada inúmeras vezes e por pessoas com trabalhos largamente respeitados. É o caso de Grada Kilomba, que em seu *Memórias da plantação* dedica a Introdução – cujo título é “Tornando-se sujeito” – a tratar justamente da relevância de deixar de ser o objeto para tornar-se sujeito por meio da escrita de seu livro. Kilomba diz que a “passagem de *objeto* a *sujeito* é o que marca a escrita como um ato político” (2019, p. 28). Parafraseando-a, poderíamos dizer que a passagem de *objeto* a *sujeito* é um dos requisitos – quiçá o mais importante – que marcam a escrita negra como Escrivivência. Neste sentido, começamos a perceber que o objetivo anunciado por Kilomba se conjuga com o desejo de *escrever*. Também Bell hooks valoriza a produção de um texto como forma de deixar de ocupar a posição de objeto e passar a ser um sujeito, destacando que o “ato de fala, de ‘erguer a voz’, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa *transição de objeto para sujeito*” (hooks, 2019, p. 39).

Para entendermos a semelhança entre o conceito de Escrivivência de Conceição Evaristo e o que percebemos desejarem Grada Kilomba e bell hooks nos excertos citados por nós, faz-se relevante continuarmos a leitura da Introdução de *Memórias da plantação*: “Este livro representa esse desejo duplo: o de se opor àquele lugar de ‘Outridade’ e o de inventar a nós mesmos de (modo) novo” (Kilomba, 2019, p. 28). Trataremos dos dois desejos mencionados pela autora, a começar pela superação da *outridade* que corresponde a deixar de ser o *outro* para ser o *um*, para ser *si próprio*. A esse respeito, diz Conceição Evaristo:

Colocar o outro como o desviante da norma, como aquele que foge ao padrão, como aquele que até pode viver o seu exotismo, é apenas a perduração de um discurso comparatista racista, em que o outro continua apenas cumprindo o seu papel de objeto, sendo-lhe negado o papel de sujeito, de agente de sua própria história (Evaristo, 1996, p. 3).

Como percebemos a partir das palavras de Conceição Evaristo, a superação da outridade está estritamente relacionada à passagem ao papel de sujeito; a identificação entre quem conta algo e quem figura como personagem no relato começa a se delinear como um passo essencial para essa superação. Vale destacar, desde já, que ter uma pessoa negra no papel de sujeito que enuncia não é garantia de superação plena da outridade, embora seja sem sombra de dúvidas um elemento de extrema importância. Acontece que, por vezes, o sujeito negro está de tal forma convencido – pelo sujeito branco – de uma inferioridade negra, que acaba por reproduzir os chavões da branquitude, aspirando ao acesso ao mundo branco, sem perceber que trabalha para um projeto que o exclui. É o que destaca Fanon, que nos conta que há casos em que “o grupo social racializado tenta imitar o opressor e, assim, desracializar-se. A ‘raça inferior’ se nega enquanto raça diferente. Ela compartilha com a ‘raça superior’ as convicções, doutrinas e outras considerações que lhe dizem respeito” (Fanon, 2021, pp. 77-78). Longe de pretender culpabilizar o sujeito negro que interiorizou o discurso da branquitude, o que desejamos é destacar algo de que trataremos melhor na última seção deste artigo: a importância de um “alinhamento ideológico” para que um texto seja considerado uma Escrivência.

1.2 A ficção como ferramenta para novos sentidos

Voltemos agora as nossas atenções ao segundo desejo mencionado por Kilomba na página 28 de suas *Memórias da plantação* e que já destacamos acima: o desejo de inventar a nós mesmos de (modo) novo. Também esse objetivo está contemplado no projeto escreviente, como vemos no trecho abaixo.

Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como *uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado*, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão

também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças (Evaristo, 2020, p. 30, grifo nosso).

Com base no que diz Conceição Evaristo, podemos refletir sobre como a produção de literatura a partir da Escrivivência é uma forma de auxiliar nessa passagem do papel de objeto para o de sujeito, uma vez que, com a possibilidade de borrar e/ou desfazer imagens do passado, a ficção permite maior liberdade não só para a *criação*, mas também para a *recriação* de histórias. Assim, se é às vezes difícil recuperar a perspectiva negra a respeito de certos temas/acontecimentos históricos com base em escritos pretensamente não-ficcionais, a ficção nos oferece uma boa saída para reinventar ou reinterpretar o passado a partir da perspectiva negra. O livro *Um defeito de cor* (2018), de Ana Maria Gonçalves, é um exemplo dessa recuperação da perspectiva negra acerca de eventos a respeito dos quais os documentos oficiais contam uma história praticamente sem trazer a voz negra enquanto enunciadora – ou seja, sem que haja representantes da negritude no papel de sujeito. Em seu romance, Ana Maria Gonçalves subverte a situação e apresenta uma versão narrada em primeira pessoa por uma mulher negra africana sequestrada em África e trazida para solo brasileiro; essa mulher, cujo nome é Kehinde e que no Brasil teria passado a ser chamada de Luísa, conta sua história tratando do dia a dia durante parte do período de vigência da legalidade da escravização no Brasil.

É essa mudança na visão sobre o passado que Conceição Evaristo opera ao ressignificar a Mãe Preta, resgatando essa figura e oferecendo uma perspectiva negra a respeito dela, superando a estereotipia consolidada por Gilberto Freyre em *Casa grande e senzala* (2006) [1933]. Se para Freyre a Mãe Preta é passiva, Conceição Evaristo nos faz atentar para a ginga da mãe preta, que muitas vezes silenciava, mas que tirava proveito dos lugares por onde transitava para ajudar os seus (às vezes com alimentos, outras vezes com informações, ainda outras vezes envenenando alguém da casa-grande...). Essa ressemantização da mãe preta é fundamental na concepção de Escrivivência para Evaristo, que afirmou que a “imagem fundante do termo [Escrivivência] é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande” (Evaristo, 2020, p. 29).

Ao destacar a inteligência de mulheres negras escravizadas da casa grande, Eliana Alvez Cruz está em consonância com o projeto de Conceição Evaristo de ressignificação da mãe preta, como perceberemos no diálogo entre as personagens Martha e Adônís,

retirado do livro *Água de barrela* (2018) e citado mais adiante. A cena está localizada no momento histórico da chamada abolição da escravatura. A mulher negra, que a bem da verdade era ainda uma menina, surpreende o também jovem rapaz negro revelando a consciência que tem de que a posição que ocupa pode ser muito estratégica para obter informações dos brancos; ao final de sua fala, Martha ainda reproduz os gestos que o próprio rapaz havia feito, com o intuito de destacar sua sagacidade. Esse gesto irônico aumenta a percepção de sua inteligência:

O xeque-mate foi ela quem deu, quando disse que ele aprendeu a ler, a escrever e a fazer discurso, mas não aprendeu a enxergar.
- Se eles pensa que ocê que é homi num entende nada, imagina eu? Perto das mulé eles fala ainda mais – e apontou o indicador da mão direita para o ouvido esquerdo e o da mão esquerda para a testa (Cruz, 2018, p. 114).

A inteligência demonstrada pela personagem é, vale notar, uma das formas de humanização das mulheres negras – historicamente subalternizadas – na literatura escreviente. Embora a ressemantização da Mãe Preta buscada por Conceição Evaristo e operada também no romance *Água de barrela* de Eliana Alves Cruz sejam exemplos de Escrevivência versando sobre o passado, não há motivos para que nos limitemos a esse tempo: também podemos pensar em uma Escrevivência que trate do presente e do futuro. A importância de aplicar a Escrevivência ao futuro, aliás, não deve de maneira alguma ser subestimada. Imaginar o futuro é libertador – para quem o imagina e para quem colhe os frutos dessa imaginação. A respeito disso, Walidah Imarisha afirmou, em texto publicado on-line e denominado *Rewriting the Future: Using Science Fiction to Re-Envision Justice*, que:

[...] sabemos que estamos vivendo a ficção científica. Somos os sonhos das pessoas negras escravizadas a quem foi dito que era “irrealista” imaginar um dia em que não seriam chamadas de propriedade. Essas pessoas negras se recusaram a continuar seus sonhos no realismo, e em vez disso elas nos sonharam. Então elas dobraram a realidade, reformularam o mundo, para nos criar¹ (Imarisha, 2015).

¹ Tradução nossa a partir de texto publicado originalmente em inglês: “we are living science fiction. We are the dreams of enslaved Black folks, who were told it was ‘unrealistic’ to imagine a day when they were not

Está mais uma vez afirmada a importância da ficção – neste caso, a respeito do futuro. Com isso, queremos defender que tanto a reorganização do passado como a imaginação de um futuro que parece utópico podem ser pensadas a partir do conceito de Escrivência, que se mostra muito produtivo, portanto, também para refletir sobre produções afrofuturistas.

Até agora, estivemos tratando dos papéis de sujeito e objeto no nível da enunciação, ou seja, pensando no Sujeito que produz o discurso e no Objeto desse discurso. Podemos, agora, passar a pensar nos papéis de sujeito e objeto desempenhados pelas personagens das produções culturais.

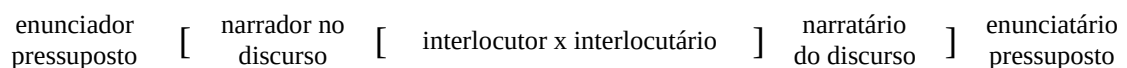
2 Da importância do papel actancial ocupado pelas personagens negras

Nesta seção, trataremos da importância que tem o papel cumprido pelas *personagens* negras para a Escrivência. Para tanto, passaremos por uma explicação conceitual, seguida de reflexões e exemplificações e chegando, por fim, ao exame do ponto de vista e da comum (con)fusão² entre enunciatória, narradora e personagens nas Escrivências.

2.1 Breve explicação conceitual

Em Semiótica discursiva, pensa-se em uma hierarquia de delegação de vozes no discurso. O quadro abaixo ilustra a questão:

Quadro 1 – Esquema de delegação de vozes



Fonte: Barros, 2011.

called property. Those Black people refused to confine their dreams to realism, and instead they dreamed us up. Then they bent reality, reshaped the world, to create us.”

² Em seus textos, como no prefácio de *Becos da memória* (2017), Conceição Evaristo grafia “con(fusão)”. Optamos, no entanto, por usar os parênteses na primeira sílaba, grafando “(con)fusão”, por entender que essa grafia favorece as leituras de *fusão* e *confusão*, enquanto “con(fusão)” chamaria a atenção para *con* e *fusão*.

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (3): e65636p, jul./set. 2025

Em tal esquema, enunciador e enunciatário correspondem às figuras de autora/autor e leitora/leitor, respectivamente, e estão no nível da enunciação. O enunciador delega voz ao narrador, que então narra a história. Narrador e narratário estão, como se poderia deduzir, no nível da narração. Em seguida, é possível que o narrador delegue voz às personagens, que então falam em discurso direto. Em *Dom Casmurro* (2016), por exemplo, temos como narrador o próprio Dom Casmurro, quem conta uma história e muitas vezes delega vozes a diversas personagens, como Bentinho, Capitu e José Dias, que conversam entre si. Trata-se, no nível das personagens, de interações entre interlocutoras(es) e interlocutárias(os). Na primeira seção deste trabalho, nos dedicamos a tratar do nível da enunciação. Agora, avançaremos para os outros níveis.

A respeito do nível da narração, que não exploraremos muito, não se pode deixar de dizer que, quando a narradora ou o narrador se mostra – ou seja, quando o texto está em primeira pessoa –, é por vezes possível perceber, com relativa facilidade, a racialização dessa narradora/desse narrador. É o que acontece em *Becos da memória*, de autoria de Conceição Evaristo, livro em que não restam dúvidas de que a narradora é negra. Isso é importante para a ocorrência da (con)fusão entre os níveis, algo de que ainda falaremos. O que mais nos interessa neste momento, entretanto, é o último dos níveis, aquele que corresponde às personagens. Passemos a tratar dele de maneira um pouco mais detida.

Se no nível da enunciação é importante que as pessoas negras (e marcadamente as mulheres, nos casos de Escrivências) ergam suas vozes e produzam textos – ou seja, que essas pessoas antes vistas apenas como objetos do relato ou, quando muito, como enunciatárias de certo texto ocupem a função de enunciantoras –, é também importante observar como as pessoas negras ocupam *actancialmente*, enquanto personagens, os papéis de objeto, sujeito etc., bem como quais valores buscam na qualidade de sujeitos e quais valores representam enquanto objetos. Neste exame, acreditamos, a Semiótica discursiva pode ser de grande ajuda.

Para tecer as considerações, faz-se necessário explicar, ainda que brevemente, o que são os papéis actanciais, quais são alguns desses papéis que uma personagem pode ocupar de acordo com a Semiótica, e o que os caracteriza. Quando falamos de papéis actanciais, estamos tratando de *funções* relativamente dessemantizadas, e que cobrem

“não só seres humanos, mas também animais, objetos e conceitos” (Greimas; Courtés, 2016, p. 21). Os papéis actanciais dizem respeito à *posição* ocupada por esses humanos, animais, objetos ou conceitos. Temos, por exemplo, os papéis de *sujeito* e de *objeto*, que se interdefinem: O objeto é aquilo a que o sujeito busca se unir ou de que quer se afastar, e o sujeito é aquele que busca a união ou a separação com relação ao objeto. Pode-se dizer que sujeito é aquele que percebe, enquanto o objeto é da ordem do que é percebido. É preciso dizer, ademais, que o objeto é uma espécie de receptáculo que abriga os valores que fazem com que o sujeito busque tal objeto ou que dele queira se afastar; por conta disso, é muitas vezes chamado objeto-valor (Greimas; Courtés, 2016).

Além desses dois actantes que são centrais para a narratividade em Semiótica, outros vão nos interessar: o adjuvante, que é aquele que ajuda, que auxilia o sujeito em seu percurso; o oponente, que é aquele que corresponde ao negativo do adjuvante, ou seja, é quem atrapalha o sujeito em seu percurso; e o antissujeito, que é o actante que representaria o negativo do sujeito, aquele com quem o sujeito rivaliza na busca pelo objeto. As explicações, talvez ainda demasiado abstratas, ficarão mais apreensíveis/compreensíveis à medida que trouxermos os exemplos.

2.2 Papéis actanciais de mulheres negras

Pensemos no romance *O cortiço* (2016). A personagem Rita Baiana, em sua relação com Jerônimo, está ocupando a posição de objeto, enquanto o português ocupa a posição de sujeito – é ele quem busca estar junto do *objeto* Rita Baiana. No núcleo dessas personagens também está presente Firmo. Este, rivalizando com Jerônimo, ocupa o papel de antissujeito que disputa o mesmo objeto com tal sujeito. Ainda em *O cortiço*, destacamos Bertoleza, que vive dois momentos em sua relação com João Romão: na primeira metade do romance, Bertoleza é adjuvante para Romão (que é o sujeito), pois o português se vale da força de trabalho dessa mulher negra para alcançar seu objetivo de enriquecer; num segundo momento, Bertoleza passa a ser uma espécie de oponente para João Romão (ainda sujeito), pois ela se torna um empecilho para os planos de ascensão social do português – ascensão que se daria por meio do casamento com a filha de seu vizinho, Miranda, um Barão.

N’*O cortiço*, como percebemos pela breve exemplificação do parágrafo anterior, temos as mulheres negras ocupando diversas posições (objeto, adjuvante, oponente), mas nunca a de sujeito. Nas produções que se explicam pela Escrivência, isso tende a mudar. Para efeitos de comparação, podemos considerar o livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2020), escrito por Jarid Arraes, uma mulher negra e natural da cidade de Juazeiro do Norte no Estado do Ceará. O título do livro já sugere que as mulheres negras sejam sujeitos em seus próprios percursos – afinal, para ser heroína é preciso desempenhar um papel que tenha agência e protagonismo. Para compreendermos melhor, vamos pensar em um cordel específico, aquele que leva o nome e que conta a história de Maria Felipa, uma mulher negra que liderou mais de duzentas pessoas na luta pela independência do estado em que vivia, a Bahia.

No cordel Maria Felipa, perceberemos mulheres negras ocupando os papéis actanciais de sujeito e de adjuvante. No papel de sujeito, temos a própria Maria Felipa, que dá nome ao cordel, e o objeto-valor por ela buscado é a liberdade, como podemos notar nos seguintes versos:

Na ilha de Itaparica
No estado da Bahia
Ela assumiu o comando
Da batalha que zunia
Pela então independência
Da Bahia onde vivia.
(Arraes, 2020, p. 98)

Como o texto do cordel marca, são diversos os exemplos de protagonismo e de agência dessa mulher negra, que vai aos poucos sendo construída como uma heroína:

Mas o caso aqui contado
Não é único ou final
Já que Maria Felipa
Era líder sem igual
E com muita inteligência
Fez de si fenomenal.
(Arraes, 2020, p. 99)

Os mencionados protagonismo e agência são destacados também pela escolha de palavras, pois não é apenas no quarto verso da estrofe acima que Felipa é caracterizada

como uma líder; na estrofe seguinte – isto é, na décima terceira estrofe – destaca-se que diversas pessoas se guiavam pelo que ela fazia; em seguida, na décima quarta estrofe, menciona-se que ela *organizou* o envio de alimentos para quem deles precisava, já na décima nona estrofe, ela é descrita como tendo a “vocação de nos ser libertadora”; nos dois versos que abrem a vigésima segunda estrofe ela é chamada de “Heroína negra e forte/ Líder dessa independência” (Arraes, 2020, p. 101).

Ao lado de Maria Felipa, a líder, estão outras mulheres atuando como adjuvantes. Essas mulheres, que não estão exatamente sob os holofotes, são de extrema importância para que Maria Felipa consiga o que em Semiótica chamamos de *conjun o com o objeto*, isto é, para que ela alcance o seu objetivo e se junte com o seu objeto-valor. Essas mulheres, que destacam a importância da coletividade para o sucesso do projeto, aparecem logo no início do cordel, a partir da sexta estrofe:

Essa Maria Felipa
As mulheres liderou
Eram cerca de quarenta
As mulheres que juntou
E com muita ousadia
Grande incêndio provocou

Reunidas as guerreiras
Por Felipa lideradas
Colocaram fogo alto
Nas embarca es chegadas
E que eram inimigas
de gente mobilizada
(Arraes, 2020, p. 98)

Como notamos na sexta e na sétima estrofes acima, as mulheres lideradas por Maria Felipa não det m o protagonismo, mas mant m a agência e são ativas na busca pela liberdade. Embora estejam no papel actancial de *adjuvantes*, essas mulheres são incluídas no projeto em que trabalham, diferentemente do que se nota a respeito de Bertoleza, que trabalha pelo enriquecimento de João Romão sem que possa gozar do resultado de seus esforços. Nas estrofes acima, percebemos t m m que as embarca es cumprem o papel de oponente ou mesmo de antissujeito, colocadas no lugar de inimigas das pessoas mobilizadas. Em outro trecho, na décima sétima estrofe, um português aparece

figuratizando o oponente/antissujeito, enquanto as mulheres continuam aparecendo como adjuvantes:

Para nesse português
Ela dar uma lição
Felipa também contou
Com a organização
De mais força feminina
Que lhe estendeu a mão.
(Arraes, 2020, p. 100)

A partir dessa breve análise, podemos pleitear que é importante que as produções escrevíveis tenham pessoas negras – e em especial as mulheres negras – na posição de sujeito não só no que diz respeito à enunciação, mas também no nível dos interlocutores/interlocutários, ou seja, entre as personagens. A respeito disso, há, ainda, outro elemento que nos parece ser recorrente nas Escrivências: uma certa (con)fusão entre os níveis.

2.3 Ponto de vista e (con)fusão entre enunciativa, narradora e personagens

Voltando a nossa atenção novamente aos níveis dispostos no quadro que aparece no início da seção 2.1 deste artigo – enunciativo x enunciatário, narrador x narratário, interlocutor x interlocutário –, podemos pensar na (con)fusão entre eles. Essa (con)fusão pode começar a ser explicada pela identificação entre ficção e realidade. As histórias trazidas à luz nas Escrivências jogam com a verossimilhança, parecem relatos não-ficcionais. A própria Conceição Evaristo comenta algo sobre isso na abertura de seu *Becos da memória*, explicando que esse romance “Foi o [seu] primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência” (Evaristo, 2017, p. 9). A (con)fusão entre escrita (ficcional) e vivência (real) fomenta a (con)fusão entre escritora, narradora e personagens, pois, se a história é real, só pode ser contada *desde dentro*, por uma pessoa que lá estava; assim, narradora e personagens precisariam também ser calcadas na realidade. É comum, portanto, que se busque a todo custo a identificação da pessoa autora com personagens ou narradoras/es. Ainda na apresentação de *Becos da memória*, Evaristo comenta:

Quanto à parecença de Maria-Nova comigo, no tempo do meu eumenina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma escrevivência pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange (Evaristo, 2017, p. 12).

Essa identificação é certamente reforçada pelo ponto de vista adotado, que é, conforme nos afirmou mais de uma vez a professora Conceição Evaristo³, a escrita que parte de dentro do quartinho da empregada – ou seja, uma escrita que parte do sujeito que foi historicamente subalternizado e aviltado, não de um olhar externo, de quem observa a partir de fora o que acontece em dado lugar. A Escrevivência é produzida a partir de um núcleo e versa sobre esse núcleo. Como diz Conceição Evaristo (*apud* Fonseca, 2020, p. 63), “É desse meu lugar, é desse de ‘dentro para fora’, que minhas histórias brotam”. Ousamos dizer que essas histórias não são apenas contadas de dentro para fora, mas também – e quiçá principalmente – “de dentro para dentro”, uma vez que o enunciatário (leitor/a) previsto nesses textos abarca as pessoas que de alguma maneira se identificam com esse *dentro*. Ou seja, são histórias facilmente reconhecidas por um certo grupo de pessoas, ainda que não as tenham vivido exatamente, e essas histórias quase que pertencem a tal grupo, algo similar ao que afirma Conceição Evaristo na apresentação de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2023, p. 7) e que reforça a (con)fusão já comentada: “[...] estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas”.

Esse ponto de vista que parte *de dentro* também assegura a superação da *outridade* de que fala Kilomba (2019). Partindo dessa perspectiva interna, os textos trazem personagens negras com traços complexos que superam descrições estereotipadas, e chegam muitas vezes a tratar de seus sentimentos e de sua psicologia. É o que percebemos nos comentários de Evaristo a respeito de uma das personagens de *Becos da memória*: “O estado emocional de Ditinha, os traços psicológicos da personagem são descritos, inclusive o arrependimento por ter apanhado a joia. De Dona Laura pouco é dito; aliás, a patroa é descrita pelo olhar da empregada” (Evaristo, 2020, p. 27). Não pode deixar de

³ Afirmações feitas durante as aulas de seu curso “Escrevivência: sujeitos, lugares e modos de enunciação - corpus literário em diferença” ministrada no primeiro semestre de 2023 no Instituto de Estudos Avançados na Universidade de São Paulo, na disciplina que ministrou enquanto titular da Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência.

chamar a atenção o fato de que a patroa, que está do lado de fora do quartinho da empregada, tem uma descrição que passa pelo filtro daquela que está do lado de dentro, no lugar de onde parte a história.

Temos outro exemplo dessa *construção a partir de dentro* no romance *Kindred: laços de sangue* (2019), de autoria da estadunidense Octavia Butler, originalmente publicado em 1979 no idioma inglês e que ganhou a primeira edição em português em 2017. Sem a pretensão de entrar em grandes detalhes, vale dizer que, em tal romance, a personagem principal, uma mulher negra chamada Dana, viaja forçadamente no tempo de volta ao passado e precisa lidar com um seu ancestral branco chamado Rufus no período escravista dos Estados Unidos. Toda a história é contada a partir da visão de Dana, e tanto Rufus como as demais personagens brancas são descritas passando pelo filtro desse ponto de vista; do mesmo modo, também as personagens negras passam por esse crivo, o que resulta em complexificações que superam a estereotipia comum em certa vertente literária. O romance pode ser certamente encarado como uma Escrivivência. No Brasil, um ótimo exemplo de romance que complexifica personagens negras é *Úrsula*, de autoria de Maria Firmina dos Reis. Em seu romance, publicado pela primeira vez em 1859, as pessoas negras escravizadas ganham voz, e os escravizados Túlio, Susana e Antero “recebem no texto um tratamento diferenciado, *marcado pelo ponto de vista interno* e pautado por uma acentuada fidelidade à história até então oculta da diáspora africana no Brasil” (Zin, 2019, p. 14; grifo nosso)

3 Da importância do alinhamento ideológico

Outro importante fator constituinte da Escrivivência é o alinhamento ideológico com pensamentos que servem ao próprio povo negro. Encontram-se, às vezes, produções de autoria negra que se constroem como discursos que partem *de dentro*, colocando a pessoa negra como sujeito de sua própria história, mas que ainda assim trabalham contra a autonomia negra. Essas produções, ideologicamente alinhadas a um projeto racista, não podem ser consideradas Escrivivências, pois funcionam de maneira a confortar os habitantes da casa-grande, e, como nos revela Conceição Evaristo (2020, p. 30), “a nossa Escrivivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”.

Cientes disso, e para avançarmos na discussão a respeito do que é *Escrevivência*, passaremos a uma rápida definição em negativa, refletindo sobre o que *não é* *Escrevivência*. Para exemplificar, traremos um *rap* de autoria de um jovem negro e periférico que enveredou pela política formal. Antes disso, no entanto, gostaríamos de trazer uma reflexão-pergunta a partir das palavras de Conceição Evaristo citadas acima: além de não adormecer os da casa-grande, é possível que a *Escrevivência* seja usada para acordar as pessoas negras que, adormecidas, adotaram o discurso da casa-grande e acreditam no projeto racista que mina suas vidas, muitas vezes trabalhando ativamente, num profundo sonambulismo, para a concretização desse projeto? Acreditamos que sim e, assim sendo, não temos qualquer pretensão de massacrar tais pessoas negras. Com isso em mente, podemos partir para a exemplificação.

Em vídeo publicado na plataforma YouTube, com o título de *Um vereas no pedaço* (2020), parodiando a música de abertura da série estadunidense que no Brasil ganhou o título de *Um maluco no pedaço*, Fernando Holiday canta uma letra que, em seus primeiros versos, declara o lugar de onde ele parte: “Essa é a história que eu vou te contar/ Eu vim de Carapicuíba pra te representar/ Preto, pobre, pai sumido e descobri ser gay/ Devia ser PSOL, PT, da UNE ou PC do B”. Declarando fazer parte de grupos de pessoas historicamente marginalizadas, Holiday busca credenciar-se para atacar pautas que o *privilegiam* enquanto pessoa marginalizada. Assim, após reclamar de seu professor de história que haveria tentado impor seu pensamento de esquerda ao rapaz, manifesta sua discordância e ataca uma pauta que defende direitos de pessoas negras: “Eu não quis aceitar, me chamaram de burro/ Não defendo cota no Ensino Público”. Em momento mais próximo ao final do vídeo, Holiday volta a tocar na questão racial ao rivalizar com “o movimento negro”. Ele rima: “Movimento negro vai ter que chorar de pé/ Pois essa cadeira é minha e o negão é de fé”. Ora, embora os outros requisitos sejam cumpridos (pelo menos aparentemente), não se pode incluir o texto de Holiday como *Escrevivência* devido ao caminho ideológico adotado: a contramão do avanço nos direitos das pessoas negras. Isto é, o fato de Holiday buscar um objeto de valor que se choca frontalmente com os direitos de pessoas negras coloca em xeque a inclusão dessa produção cultural como uma *Escrevivência*.

A *Escrevivência*, mesmo quando trata de relatos de opressão e sofrimento, pressupõe a humanização da pessoa negra, a valoração positiva da negritude e da cultura

negra; pressupõe a valoração positiva do passado, do presente e do futuro de pessoas negras e da negritude. Uma produção cultural que negue tudo isso e que trabalhe para desabonar a negritude e as pautas que a ela interessam não pode, pois, estar alinhada aos propósitos escrevíveis.

Notas finais

A partir de nossas investigações, acreditamos ter traçado alguns dos pontos essenciais e/ou costumeiros em Escrevivências. São eles: (i) a autoria negra, que assegura que as pessoas negras sejam os sujeitos da enunciação e não apenas o objeto do relato ou da história; (ii) o uso da ficção para criar ou recriar histórias em uma perspectiva positiva para pessoas negras; (iii) contar com personagens negras que não cumpram apenas o papel de objeto, mas que também ocupem papéis de sujeito – agora não mais no plano da enunciação, mas no plano do narrado; (iv) possuir um ponto de vista que parte *de dentro* em lugar do olhar externo, bem como a (con)fusão entre enunciativa, narradora e personagens que é em grande parte decorrente da adoção desse ponto de vista; (v) o alinhamento ideológico com projetos que visem o bem e a humanização do povo negro.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- AZEVEDO, Aluísio Tancredo Gonçalves de. *O cortiço*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Seguinte, 2020.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2011.
- BUTLER, Octavia. *Kindred: laços de sangue*. Trad. Carolina Caires Coelho. Editora Morro Branco, 2019.
- CRUZ, Eliana Alves. *Água de barreira*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. pp. 26-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares*, ano 1, n. 01, pp. 52-57, ago. 2005. Disponível em:

<https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos/revistas/revista01.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. 1996. 152 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

FANON, Frantz. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Prefácio Deivison Faustino. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivivência: a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. pp. 59-73. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2018.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Ignacio Assis da Silva, Maria José Castagnetti Sombra, Tieko Yamaguchi Miyazaki. Prefácio José Luiz Fiorin. São Paulo: Contexto, 2016.

HOLIDAY, Fernando. Um vereas no pedaço. In: *YouTube*. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CTJ4_X8GLA4. Acesso em: 12 fev. 2024.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. Prefácio Mariléa de Almeida São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

IMARISHA, Walidah. Using Science Fiction to Re-Envision Justice. In: Walidah.com. 2015. Disponível em: <https://www.walidah.com/blog/2015/2/11/rewriting-the-future-using-science-fiction-to-re-envision-justice>. Acesso 5 jan. 2024.

ZIN, Rafael Balseiro. Úrsula, romance original brasileiro. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Taverna, 2019, pp. 13-29.

Recebido em 23/02/2024

Aprovado em 06/03/2025

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer II

I – PARECER

O artigo em questão propõe-se a analisar o conceito de Escrivência, utilizado pela primeira vez em 1996 por Conceição Evaristo, e compilar algumas de suas características essenciais. A análise baseia-se em reflexões de Conceição Evaristo, Bell hooks e Grada Kilomba, vale-se também de conceitos da Semiótica discursiva e utiliza como corpus produções culturais diversas. A conclusão é a de que, para ser considerada escrevente, a produção precisa, entre outros: a) ser de autoria negra; b) ser uma (re)criação ficcional de/da história em uma perspectiva positiva para pessoas negras; c) ter o papel de sujeito ocupado por personagens negras; d) ter alinhamento ideológico com projetos que visem o bem e a humanização do povo negro. De acordo com os parâmetros propostos pela revista, o título é adequado; seus objetivos estão explícitos e a bibliografia está atualizada e é relevante e pertinente para o tema; a reflexão contribui para o campo de conhecimento; o texto é claro e didático. A meu ver, o artigo tem proposta interessante, exposição e exemplos didáticos e conclusões pertinentes com a exposição, com exceção da última, conforme comentário 2 da Tabela abaixo. Para mim, o texto requer revisão e reconsideração do parágrafo final.

II – SUGESTÕES EM RELAÇÃO AO TEOR DO TEXTO

PÁGINA TRECHO A REPENSAR SUGESTÃO OU COMENTÁRIO

pp.5-6 Com base no que diz Conceição Evaristo, podemos refletir sobre como a produção de literatura a partir da Escrivência é uma forma de facilitar essa passagem do papel de objeto para o de sujeito, uma vez que, com a possibilidade de borrar e/ou desfazer imagens do passado, a ficção permite maior liberdade não só para a criação, mas também para a recriação de histórias. Sugestão: Sugiro rever a palavra “facilitar”. Creio que ela minimiza a luta e o sofrimento envolvidos na conquista do direito a ser sujeito da própria história. p. 16 - Por fim, resta dizer que estamos convencidos de que a Escrivência influencia o modo de produzir ciência, pois a ciência não pode de maneira alguma ser considerada neutra, na medida em que a produção científica é um discurso, e que o discurso é, como nos diz Barros (2001, p. 150), “lugar de elaboração e de difusão de ideologia”. Neste sentido, é nosso desejo que este artigo seja uma produção escrevente. Sugestão: A meu ver, a consideração final, além de carecer de modalização, não é pertinente, no sentido de não estar alinhada com o corpus de análise, que é de textos ficcionais, nem com um dos parâmetros da escrevência, que é o de ser uma (re)criação ficcional de/da história.

III– REVISÃO

A meu ver, o texto requer revisão geral, principalmente de pontuação, conforme exemplos abaixo:

PÁGINA TRECHO COMENTÁRIO/SUGESTÃO

p. 2 Ainda pudemos ouvir outras mulheres negras produtoras ávidas de escrevência e que muito nos inspira(ra)m, como Ana Bispo, Eliana Alves Cruz, Iléa Ferraz, Juh Almeida e Preta Rara. p. 16 - Por fim, resta dizer que estamos convencidos de que a Escrivência influencia o modo de produzir ciência, pois a ciência não pode de maneira

alguma ser considerada neutra, Revisão: Escrevivência ou escrevivência? Conforme exemplos, o termo está sendo grafado de duas maneiras diferentes ao longo do texto.

p. 2 Durante pouco mais de 4 meses, nos reunimos semanalmente para ouvir as enriquecedoras ponderações de Conceição, Calila, dos membros do Grupo de Estudos em Escrevivência e dos demais colegas

Revisão: p. 2 Durante pouco mais de 4 meses, nos reunimos semanalmente para ouvir as enriquecedoras ponderações de Conceição, de Calila, dos membros do Grupo de Estudos em Escrevivência e dos demais colegas

p. 2 As discussões, que nos moviam intelectual e afetivamente, estiveram sempre ligadas ao conceito de escrevivência, nascido na dissertação de mestrado de Conceição Evaristo (1996) e que vem sendo pensado por Evaristo e por diversas outras pessoas, como se pode notar pela publicação do livro *Escrevivência: a escrita de nós pela Mina Comunicação e Arte* no ano de 2020, organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes e que reúne diversos artigos a respeito da escrevivência e da obra de Evaristo. Observação: Período muito longo.

pp. 2-3 É a partir dessas aplicações que se pode confirmar as afirmações a respeito das características comuns às escrevivências comentadas por nós e por outras pessoas, bem como descobrir novas características frequentes ou mesmo basilares das escrevivências. Revisão: pp. 2-3 É a partir dessas aplicações que se podem confirmar as afirmações a respeito das características comuns às escrevivências comentadas por nós e por outras pessoas, bem como descobrir novas características frequentes ou mesmo basilares das escrevivências.

p. 3 Essa tomada da pena por parte das mulheres negras de que fala Conceição Evaristo representa o ato de assenhorar-se das palavras a respeito da própria história.

Revisão: p. 3 Essa tomada da pena por parte das mulheres negras, de que fala Conceição Evaristo, representa o ato de assenhorar-se das palavras a respeito da própria história.

p. 15 Em vídeo publicado na plataforma YouTube, com o título de *Um vereas no pedaço* (2020), parodiando a música de abertura da série estadunidense que no Brasil ganhou o título de *Um Maluco no Pedaço*, Fernando Holiday canta uma letra que, em seus primeiros versos, declara o lugar de onde ele parte: “Essa é a história que eu vou te contar/ Eu vim de Carapicuíba pra te representar/ Preto, pobre, pai sumido e descobri ser gay/ Devia ser PSOL, PT, da UNE ou PC do B”. Sugestão: os títulos poderiam estar em itálico. CORREÇÕES OBRIGATÓRIAS [Revisado]

Alba Valéria Tinoco Alves Silva – Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil; <https://orcid.org/0009-0009-8116-3904>; albavaleria99@gmail.com

Parecer emitido em 29 de abril de 2024.

Parecer III

Conforme foi dito na avaliação da primeira versão do texto, o artigo em questão analisa o conceito de Escrevivência e compila algumas de suas características, com base em textos de Conceição Evaristo, Bell hooks e Grada Kilomba, bem como de conceitos da Semiótica discursiva, utilizando como corpus produções culturais diversas.

Foi dito também que o texto está de acordo com os parâmetros propostos pela revista, pois seu título é adequado; seus objetivos estão explícitos e a bibliografia está atualizada e é relevante e pertinente para o tema; a reflexão contribui para o campo de conhecimento; o texto é claro e didático.

Além disso, observou-se que a primeira versão tinha proposta interessante, exposição e exemplos didáticos e apresentava conclusões pertinentes com a exposição, com exceção da última, conforme comentário 2 da Tabela abaixo.

Sugeri, então, que o texto fosse revisto e tivesse o parágrafo final ajustado.

Pela leitura da segunda versão, percebo que todas as sugestões foram acatadas e implementadas, conforme a terceira coluna das tabelas abaixo.

A meu ver, os problemas apresentados foram resolvidos. Entretanto, por sugestão desta parecerista, o parágrafo final do texto foi retirado, mas não foi substituído. Com isso, as considerações finais ficaram sem um fecho inspirador, por assim dizer, e eu acho que o texto pede isso.

Tal ausência, contudo, não impede a aprovação do artigo.

APROVADO

Alba Valéria Tinoco Alves Silva – Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil; <https://orcid.org/0009-0009-8116-3904>; albavaleria99@gmail.com

Parecer emitido em 19 de maio de 2024.

Editores responsáveis

Beth Brait

Elizabeth Cardoso

Maria Helena Cruz Pistori

Paulo Rogério Stella

Regina Godinho de Alcântara